

O peso das penas: *Voo solo*, de Isloany Machado

Francina Evaristo de Sousa

Sabiá de setembro tem orvalho na voz.

De manhã ele recita o sol.

Manoel de Barros (1993/2009)

Dos poemas em prosa (assim os li, pois a autora fez-se poema) e que compõem o delicado, embora pesado, *Voo solo*, de Isloany Machado — psicanalista, escritora e querida colega do Campo Lacaniano —, do impacto e reverberações desde o Prólogo até a Prótese, um deles, intitulado “Reencontro”, ecoou de modo a provocar não apenas sua fruição, mas um desejo que se decantou em palavras.

“A poesia fala nos termos de lalíngua e é por essa particularidade que ela se relaciona com a verdade” (Sadala, 2023, p. 61), e *Voo solo* toca algo de uma verdade que se mostra — não toda, como é do feitio da verdade — através de elaborações feitas a partir da “cama de fazer sonhos”, um dos nomes com os quais a autora batiza o divã de sua analista, de onde pôde parir-se outra, ao deixar cair suas penas; voar para além do âmbito materno, após arrancar a última pena de si.

Em “Reencontro”, Isloany Machado (2022) nos fala sobre “um certo tipo de amor”, no qual as “mulheres são divididas em dois compartimentos: aquelas que são fortes e aguentam a solidão e as que são frágeis, que precisam ser salvas. Amantes e amadas. Medusas e Medeias”. Essa é uma roupagem outra para a antiga e recorrente divisão masculina no campo do amor, entre a puta e a santa. “Meu amigo me disse que você não é mulher com quem se case” (Machado, 2022, p. 163). Sejam quais forem os pares de opostos, está em causa aí a famigerada divisão do sujeito entre amor e desejo.

A analista que sou recordou-se imediatamente das três contribuições para a psicologia da vida amorosa, escritas pelo atualíssimo Freud entre 1910 e 1918, mais especificamente o segundo texto, “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”. As teses desenvolvidas por Freud nesses três pequenos tratados, desde que bem lidas, assumem variadas declinações, que não escapam aos ouvidos do psicanalista: os quiproquós amorosos que nos chegam dão testemunho da atualidade dessas teses.

Mas voltemos ao que escorre dos dedos da autora. “Amantes e amadas. Medusas e Medeias.” Apreendi com Andréa Brunetto (2023, p. 28) que Medeia é aquela que

fez do amor sua terra, seu país, seu lugar. É onde amarrou seu burro, digamos. O amor como país é ficção já cantada por Marina Lima, “você me abre seus braços e a gente faz um país”,¹ não é mesmo? Vale dizer, com as palavras de Isloany, em “Souvenirs encore” (Machado, 2022, pp. 152-155), que, antes de perder o lugar de amada por Jasão, Medeia “ainda não tinha sentido o peso, o preço de ser uma mulher sem porto, sem âncora” (Machado, 2022, p. 153). Ao perder esse lugar, foi inundada pelo ódio.

Isloany ensina que nos “labirintos do amor feminino, há um saber sobre o que faz com que um homem permaneça, quanto mais precisa de salvação, mais uma mulher faz do homem herói. Sustentar a mulher, fazê-la manter-se em pé para que ele não desmorone” (Machado, 2022, p. 163). Notem a sutileza: sustentar o outro para não desmoronar. Mesmo porque uma “frágil” abandonada, em sua fúria, pode tornar-se Medeia, sabe-se lá em que seria capaz de deitar sua vingança. Se o homem não desmoronar, ela bem pode cuidar para que isso aconteça.

Na *Insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, na imagem que o inconsciente de Tomas inventou para sua amada, está a criança “abandonada sobre as águas de um rio para que ele a recolhesse no regaço de seu leito” (Kundera, 1983, p. 12). E ele encontra aquela que aceita ocupar esse lugar, Tereza. Como alguns escolhem “salvar” suas amadas e como essas, travestidas de objeto, são ativas em “deixar-se salvar” por alguém em específico? Afinal, não é com qualquer um(a) que se dá *match*! Embora Lacan (1992) diga, enigmaticamente, como de costume, que todo amor é recíproco... qual é o segredo desse milagre do bom desencontro chamado amor?

“Só pôde me amar durante anos a fio mantendo-me como mulher perdida, lamentando-se por suas escolhas em cada correspondência que me enviava”, a voz feminina observa sobre esse homem: aquele que divide as mulheres em dois compartimentos. “Ele amou mais a perda do que a mulher.” E, nela, em seus olhos, o reflexo deixa de ser, como o seria outrora, o do amor em fazer-se perdida. Ela já voou para outro lugar e não topa que fiquem “os dois velando para sempre o impossível” (Machado, 2022, p. 164). Achei muito bonito isso. A queda definitiva de um objeto após seu reencontro (sempre falho). Para todos os efeitos, esse voo é solo, mas seu deleite é coletivo, convite para que algumas andorinhas se arrisquem em um céu de verão.

¹ *Fullgás*, canção de Marina Lima, 1984. Recuperado em 10 de janeiro, 2024, de https://www.youtube.com/watch?v=SO_YJ3BVy1E

Referências bibliográficas

- Barros, M. (2009). *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1993)
- Brunetto, A. (2023). *Agora sou Medeia: não existe vingança sem ódio*. São Paulo: Aller.
- Kundera, M. (1983). *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1973). *Cinco lições de psicanálise e contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lima, M. (1984). *Fullgás*. Gravadora: EMI.
- Machado, I. (2022). *Voo solo*. Belo Horizonte: Cas'a.
- Sadala, G. (2023). *Um escultor da palavra no avesso da comunicação*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024